

PRAÇA JERIMUM: CULTURA INFANTIL NO ESPAÇO PÚBLICO

LANSKY, Samy – UFMG – samy@lanskyarquitetura.com.br

GT: Movimentos Sociais e Educação / n.03

Agência Financiadora: CAPES

A investigação aqui descrita é resultado da dissertação de mestrado que teve como objetivo central compreender como um grupo de crianças das camadas populares se apropria de um espaço livre público urbano: a Praça Jerimum, localizada na periferia de Belo Horizonte, criada a partir de metodologia participativa. Apropriação essa que se ancora na relação que a criança estabelece com tais espaços de lazer, voltados para a ação de brincar. O interesse sobre o tema tem em vista minha atuação como profissional da arquitetura e urbanismo, envolvido com questões relativas ao planejamento de espaços destinados à infância. Essa prática remeteu-me à análise dos significados do planejamento espacial construídos pelos atores envolvidos, planejadores e usuários, estes definidos por uma identidade geracional: a de crianças.

Ao tratar dos temas infância e espaços urbanos é importante observar que nas metrópoles contemporâneas vem se intensificando o sentimento de insegurança dos usuários dos espaços livres públicos, dado o aumento da violência em nosso país. Além disso, o problema relativo à violência contra o espaço, representado pela quebra dos equipamentos e pela pichação, se configura como um dos principais desafios a serem tratados pelos planejadores urbanos no Brasil.

O recorte estabelecido neste estudo propõe o deslocamento e o descentramento da atenção relativos a algumas categorias: a visão a partir da **criança** em vez da visão “adultocêntrica”; o *locus* do estudo é a **Praça Jerimum**, localizada na fronteira **entre a cidade e a favela**, distante dos centros urbanos planejados, cujos moradores pertencem às chamadas **camadas populares**; e o **tempo-espaço livre** no lugar da análise do tempo-espaço de trabalho ou tempo-espaço ocupado, construído, tal como os da escola.

A decadência da cidade e das formas urbanas tradicionais de sociabilidade é uma das características do século XX. Se antes existia nas cidades o espaço do encontro, tais como a praça e o café, as metrópoles contemporâneas passam a significar espaços de passagem ou “não-lugares”, que se distinguem dos espaços personalizados (AUGÉ, 1994). A globalização pode ter como um de seus efeitos o declínio do espaço público e

da convivência democrática mediante a segregação social no espaço, características da contemporaneidade.

As periferias urbanas brasileiras são os locais onde a infra-estrutura urbana é mais precária, inclusive relativa aos espaços públicos de lazer. As camadas populares urbanas brasileiras são em sua maioria moradores das periferias, e “[...] constituídos por trabalhadores de baixa renda, de origem rural, inseridos de uma forma ou de outra no ambiente capitalista vigente e são atingidos pelas culturas de massa, que estão em toda parte inclusive nas casas” (MAGNANI, 1984, p. 22). Este estudo parte da análise das expressões culturais destes grupos, em especial aquelas que se desenvolvem pelas crianças, nas suas práticas de lazer coletivo. No entanto, tais práticas não se realizam de maneira autônoma, mas, sim, num diálogo com a cultura adulta. Para a aproximação com o universo e a cultura infantil, tornou-se necessário uma análise da cultura e do cotidiano dos grupos familiares em que estão inseridas.

Sarmiento (2005) aponta as culturas infantis como a porta de entrada para a compreensão de sua alteridade e lança mão dos conceitos de Corsaro e Edler (*apud* SARMENTO, 2005, p. 373) para definir tais culturas: “são um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e idéias que as crianças produzem e partilham em interação com seus pares”. O que o autor (2004, p. 21) chama de “universalidade das culturas infantis”, ultrapassa os limites da inserção cultural local de cada criança. Segundo ele, um dos traços fundamentais das culturas infantis é a ludicidade.

Pensando as sociedades contemporâneas nas quais o brincar é entendido como atividade eminentemente infantil, Brougère (1994) afirma que o brinquedo é revelador da cultura e suporte de relações sociais que lhe conferem razão de ser. Assim, a brincadeira é compreendida neste estudo como atividade cultural, característica de um grupo geracional que toma como cena a cidade e seus espaços públicos. Se estes eram considerados, até o século XIX, o lugar do encontro, do social, *locus* do desenvolvimento cultural, a sociedade contemporânea pode estar deslocando tais funções.

Considerando a cidade como campo de tensão, Seabra (2005, p. 2) afirma que a valorização dos terrenos urbanos, sob pressão do mercado fundiário, subtrai à sociedade

os espaços intersticiais, destinados às práticas espontâneas. No entanto, para ela, o golpe de misericórdia nessa subtração foi a constituição dos espaços de circulação (sempre insuficientes) por serem condicionantes para a produção e distribuição de mercadorias. A disseminação do automóvel e da cultura automotiva condiciona as modalidades dos usos públicos livres urbanos.

Com o objetivo de compreender como, apesar dos limites impostos às crianças, estas se relacionam com os espaços da cidade, parto para uma investigação empírica. Neste estudo, a Praça Jerimum em Belo Horizonte é o *locus* da investigação, sendo o cotidiano, seus usos e sentidos atribuídos à Praça o que analiso, não mais como técnico participante de sua construção, mas com o olhar de pesquisador, distante do processo de sua construção e me aproximando da comunidade e de sua cultura expressa na relação com o espaço. O período analisado neste estudo se inicia quando o município passa a ser administrado por grupos identificados com questões populares, ou seja, do início da década de 1990 até os dias atuais. Durante esse período, o local sofreu duas reformas: na primeira, a Rua Jerimum foi urbanizada e recebeu pavimentação; a segunda reforça sua vocação para o lazer quando é selecionada para ser alvo de intervenção do projeto “Se essa praça fosse minha” da Secretaria Municipal de Assistência Social e a transforma em Praça Jerimum¹.



Figura 1: Fotos Rua Jerimum, 2002, Fonte: PBH; Praça Jerimum, 2005.

¹ Nesta segunda reforma fui o responsável pelo projeto arquitetônico.

A construção do lugar

Nas últimas décadas, o processo de democratização do País pode ser verificado através de análises no âmbito do direito. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Lei n. 008.069 –, instituído no Brasil em 1990, é marco no que concerne ao direito infanto-juvenil, reconhecendo-os como cidadãos. A cultura, o esporte e o lazer ficaram aí reconhecidos como direitos infantis, dentre outros. Em 1993, foi publicada a Lei Orgânica da Assistência (LOAS) (BRASIL, 1993) que estabeleceu a participação da população na formulação das políticas e no controle das ações em todos os níveis. O público-alvo da Assistência, segundo a LOAS, é constituído, dentre outros, por crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social. Para isso, estabeleceu que a Assistência é o setor público responsável pela criação de programas de amparo a essas populações. A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) (BRASIL, 1996) ocorreram profundas modificações na área da educação infantil. Instituiu-se, no país, um grande período de transição em que assistimos ao deslocamento do gerenciamento das creches da Assistência Social para a Educação. A partir desse momento, a Assistência Social passou a redefinir seu papel, estabelecendo como diferenciação das funções atribuídas à Assistência o sujeito destinatário dessas políticas. O campo da Assistência Social seria definido pela exclusão social, geralmente associado a uma precária situação socioeconômica. Na proposta para a nova atuação da Secretaria foi criado o programa “Criança Pequena”, focalizando as crianças até 6 anos e suas famílias.

Em 2002, a administração municipal de Belo Horizonte elaborou um programa de políticas públicas centrado na inclusão, chamado “BH Cidadania”, tendo como eixos estruturantes a descentralização, a intersetorialidade, a territorialidade e a participação popular (BELO HORIZONTE, 2003). Segundo a Prefeitura, para a ação considerada como experiência “piloto” o “BH Cidadania” seria implantado nas áreas de maior vulnerabilidade em cada uma das nove regionais da cidade. A definição dos locais a serem implantados baseou-se em indicadores sociais, que cruzaram indicadores econômicos, sociais, culturais, ambientais e localização geográfica dos serviços públicos acessíveis, na tentativa de hierarquizar a situação de pobreza das populações residentes no município. Assim sendo, algumas famílias moradoras na Vila Independência, próximas à Praça Jerimum, por serem classificadas na Classe I no Mapa

das áreas prioritárias para inclusão social e urbana, foram selecionadas para o Programa BH Cidadania.

O Programa “Criança Pequena” propôs algumas ações para o “BH Cidadania”, entre elas o “Se essa praça fosse minha”: criação de espaços públicos de lazer e convivência ao ar livre por meio de metodologia de participação comunitária. O foco das ações é a criança até 6 anos tais programas trabalham numa perspectiva de constituir e construir espaços e equipamentos públicos para esse grupo etário, mediante o fomento da brincadeira e da convivência entre pares e com outros grupos etários. Uma das principais preocupações desses programas está relacionada à violência sofrida pelas crianças, em que os pais são apontados estatisticamente como os principais agressores.

A Secretaria de Assistência Social estabeleceu, então, parceria com a Associação Municipal de Assistência Social (AMAS) para que fornecesse mão-de-obra técnica para a construção das áreas de convivência a serem construídas de acordo com o projeto “Se essa praça fosse minha” e, como resultado de experiências anteriores perante a Secretaria de Assistência Social, inseri-me na equipe como arquiteto.

Com o objetivo de esclarecer os moradores do entorno sobre o projeto “Se essa praça fosse minha”, foram realizadas algumas reuniões, das quais não participei. Posteriormente, foi agendada a primeira Oficina de Sugestões para o projeto, que aconteceu na casa de uma família, localizada na Praça. Crianças, jovens e adultos foram convidados a participar. Compareceram aproximadamente 30 pessoas das diversas faixas etárias.



Figura 2: Oficina de Sugestões: crianças desenham.
Fonte: PBH.



Figura 3: Desenho realizado por menina de 9 anos.

O desenho realizado pela menina pode ser analisado a partir da visão que ela tem de espaço de lazer, ou seja, para ela o lazer está relacionado ao espaço privado, não ao espaço público.

Nesta oficina, os adultos sugeriram que os meninos deixassem de jogar bola ali, pois o espaço não era adequado e os portões eram usados como gol. Alegaram que a Prefeitura estava construindo outra quadra nos arredores. Os jovens pediram barras de ginástica e rampa para abdominais. As crianças desenharam, entre outras propostas, os brinquedos que gostariam que fossem construídos.

A partir da análise destas sugestões, elaborei um estudo preliminar. Como a circulação de automóveis ali é relativamente pequena, foi possível o tratamento de todo o espaço como espaço de lazer, incluindo as caixas de rua e os passeios. Onde foi possível, propus a ampliação das dimensões do passeio. O acesso de automóvel seria garantido, no entanto, a prioridade foi dada ao uso dos moradores como área de convívio. Seriam instalados quebra-molas para redução de velocidade, além de sinalização específica dizendo ser espaço destinado a crianças. Foram propostos mesas para jogos, bancos, barras de ginástica, brinquedos, iluminação, área verde, recuperação das fachadas e a confecção de painel de mosaicos de cerâmica colorida com desenhos de crianças. A rotatória receberia brinquedo em alvenaria no centro, cercado por arquibancada e um piso em borracha para amortecer possíveis quedas. As primeiras idéias foram apresentadas por meio de transparências em nosso segundo encontro, realizado no começo de uma noite, na mesma casa.

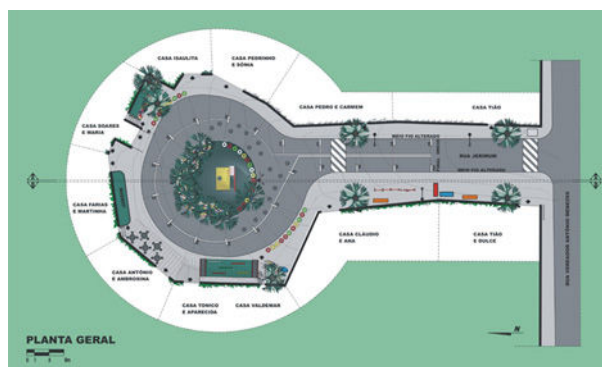


Figura 4: Planta do projeto arquitetônico apresentada aos moradores em reunião.

Tentando acatar a solicitação das crianças, projetei uma casinha com escorregador. No entanto, parti do pressuposto de que, por ser um espaço público, não deveria configurar um espaço fechado, ou seja, o acesso visual deveria ser mantido. Fiz uma casinha aberta e o chamei de “brinquedão”. Partiu do conceito de casa como abrigo contra as intempéries, e fiz só o telhado. Aproveitei a inclinação do telhado como escorregador e escorregador.



Figura 5: Perspectiva apresentada aos moradores que mostra proposta para os brinquedos da Praça, incluindo o *brinquedão* ao centro.

O projeto foi alterado no sentido de atender às demandas de alteração da comunidade e de viabilizá-la tecnicamente. Durante a obra, foi proposta a Oficina de Mosaicos para as crianças e para os jovens, no entanto a adesão dos jovens foi pequena e foi então aberta aos adultos. Participaram 25 pessoas, entre adultos e crianças de ambos os sexos.

A Praça Jerimum foi entregue à comunidade entre maio e junho de 2003, porém faltavam alguns elementos, tais como o telefone público, as lixeiras, a iluminação. A forma de pressão que os moradores encontram para que fossem resolvidas as pendências

era a recusa em aceitar a realização de festa de inauguração. Mas, depois de alguns meses, a comunidade cedeu, e a festa aconteceu. Autoridades, discursos, placa. Teatro de fantoches, *rap*, cama elástica, já em setembro de 2003. A placa existente anteriormente foi relocada e uma nova placa, marcando essa nova reforma, foi descerrada. Assim foi inaugurada a Praça Jerimum.



Figura 6: Praça Jerimum no evento de inauguração em setembro 2003.

No campo

Ao relacionar os temas da arquitetura e da educação, tento compreender, por meio desta pesquisa, os significados impressos ao espaço público urbano pelos sujeitos envolvidos nos processos de sua construção: produtores e usuários. O objetivo específico é compreender o significado que a Praça Jerimum passou a ter após sua última reforma, no intuito de analisar se ocorreu a apropriação do espaço pelos usuários e especialmente pelas crianças, e como ocorre tal processo.

A metodologia usada na pesquisa foi a etnografia, em que combinei alguns métodos de coleta de dados: 1) análise de documentos relativos às políticas públicas para o lazer e aos processos de construção da Praça, ou seja, publicações, mapas, projetos, fotos e desenhos infantis; 2) observação participante no campo, onde realizei anotações em diário, registros de conversas informais e entrevistas semidirigidas com usuários da Praça, entre crianças, jovens e adultos; registro fotográfico e videográfico; e coleta de desenhos das crianças.



Figura 7: Foto de crianças brincando na Praça Jerimum, novembro de 2005.

A observação participante no campo, ocorrida entre abril e dezembro de 2005, possibilitou a coleta de dados em períodos com características diferenciadas. Foram registradas 63 crianças, sendo destas 21 até 6 anos (13 meninas e 8 meninos); 42 entre 7 e 12 anos (23 meninas e 19 meninos); 9 jovens (2 moças e 7 rapazes); e 20 adultos (11 mulheres e 9 homens). Os nomes utilizados no texto são fictícios, escolhidos aleatoriamente, e as assinaturas foram retiradas dos desenhos para que não seja possível a identificação das crianças. A publicação das fotos foi autorizada pelo responsável e também pelas crianças registradas.

As doze entrevistas semidirigidas, realizadas nos momentos finais da observação, trazem relatos na sua maior parte coletivos, pois foram realizadas em sua maioria na Praça, portanto era difícil conseguir uma conversa particular ou até mesmo que os entrevistados se concentrassem. Especialmente aquelas realizadas com as crianças eram interrompidas diversas vezes pelas brincadeiras, por outras crianças ou pelos adultos que as solicitavam. Os entrevistados, em número de 14, foram escolhidos com o intuito de obter dados que representassem os diversos grupos sociais encontrados, definidos por sua identidade geracional e de gênero: um menino de 5 anos, três meninas e quatro meninos entre 7 e 11 anos, três jovens (dois rapazes e uma moça) e três mulheres adultas. Foram registradas várias conversas informais com homens adultos.

Durante a observação, utilizo um pequeno caderno como diário, que foi apropriado pelas crianças para a atividade de desenho. Apesar de não ter sido prevista essa fonte, tais desenhos passam a ser objeto de interação entre crianças e o pesquisador,

estabelecendo relações de troca. Por meio da linguagem gráfica, deixam sua marca na pesquisa e passam a constituir fonte de análise neste estudo. Da atividade de desenhar participaram meninos e meninas, incluindo as crianças pequenas, a partir de decisão própria. Foram recolhidos 62 desenhos, de meninos e meninas entre 3 e 12 anos, que utilizaram apenas minha lapiseira e o caderno de campo, em 10 situações diferentes, todas elas tendo as mesinhas da Praça como apoio.

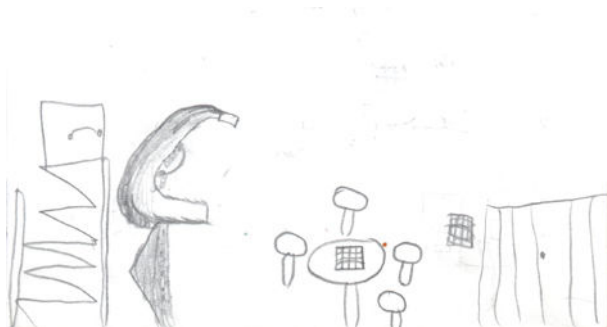


Figura 8: Desenho de menino de 8 anos no caderno utilizado como diário de campo.

Rafael, 8 anos, não mora ao redor da Praça, mas um pouco acima, o que significa numa posição mais identificada com o bairro, não com a vila. Ali encontra alguns primos e brincam na Praça. Ao desenhar a Praça, Rafael escolheu um ângulo: entre o portão da casa de sua tia e a escada de entrada da casa de sua avó, o que pode representar o universo dominical dessa criança. Esse local é onde o telefone público e as mesinhas com o banco longo e a árvore configuram um espaço de convivência sombreado. Alguns desses elementos são apropriados pelas crianças como brinquedos: o telefone público, além de atrair diversas pessoas para o local, serve de brinquedo para os meninos, e o guarda-corpo da escada é usado como barras paralelas.

- **Desço do mapa**

Conhecia a Praça Jerimum como arquiteto. Como pesquisador, meu olhar se transforma e a Praça já não é mais a mesma. As apropriações dos sujeitos a modificaram e a modificam ainda. As relações anteriormente estabelecidas deveriam ser refeitas. Como profissional da arquitetura, ocupava o lugar do conhecimento, da técnica, que tentava traduzir no espaço os desejos da comunidade. Como representante do Poder Público, para alguns trazia a “boa nova”, para outros, conflitos de interesse. A pesquisa acadêmica permite estranhar o arquiteto e estabelecer distância da prática profissional

para, então, questioná-la. A atuação profissional passa a ser objeto da pesquisa. O método etnográfico possibilita-me lidar com tal estranhamento. De profissional passo a pesquisador e pesquisado. Ao retornar ao local com objetivos de pesquisa, não cheguei ali como um desconhecido. A experiência como arquiteto da Praça definiu meus olhares da pesquisa.

Para os moradores, meu papel não ficou claro. Num primeiro momento, apresentei-me como arquiteto, depois disse que estava realizando uma pesquisa para a Universidade e fiquei brincando na Praça com as crianças, conversando com as pessoas. Os significados que me atribuíram foram diversos. Alguns adultos estranharam o fato de eu ficar ali conversando com seus filhos, afinal eu era um estranho. Outros relacionaram meu papel ao de guardião daquele espaço, pois conheciam meu envolvimento com a Praça. Outros ainda me responsabilizaram “por aquilo”. Jovens trouxeram suas críticas, sugestões e reivindicações para a Praça, colocando-me no papel de representante das instituições públicas. Para as crianças, creio que represento papéis múltiplos, muitos deles indecifráveis.

Com o objetivo de me aproximar das crianças, de conhecer suas culturas ou de voltar um pouco no tempo, tornei-me mais um entre aqueles que brincavam. Acreditava ser importante refazer minhas noções dos significados de brincar na rua, visto que fui também uma criança que utilizou o espaço livre público dessa cidade para a brincadeira. Algumas vezes participava das brincadeiras e em outros momentos apenas observava. Percebia que a minha simples presença na brincadeira alterava as formas de brincar ou era imprópria a minha inserção. A diferença de tamanho impossibilitava meu acesso. Tentei, em alguns momentos, parecer invisível, para que a brincadeira acontecesse com a mínima interferência, o que era impossível, visto que as dimensões da Praça tornam marcante a presença de qualquer um. Ficava sentado um pouco afastado e anotava os fatos. Como diria Corsaro (2005), assumi postura de “adulto atípico”. Nem pai, nem professor, mas um adulto que pretendia estar ali com elas, conversando, participando de suas brincadeiras, de seu cotidiano. Aos poucos as crianças passaram a me convidar para brincar. Isso não acontecia com nenhum outro adulto ali. Seria um sinal de que fui aceito por elas? Começam a me chamar de “Grandão”.

Para a produção da Praça, aproximei-me do objeto de trabalho por meio de mapas e documentos, mediados por informações oficiais, originados dos órgãos públicos ou em encontros organizados com pauta definida. As fontes utilizadas foram essencialmente imagens gráficas (mapas e fotos), além de alguns contatos com a comunidade. A pesquisa é o momento de aproximação com o sujeito, do contato com o real, com sua cultura. Poderia, então, descrever da seguinte forma a sensação de entrar no campo: a descida do mapa.

- **Tempos**

Visto que a Praça não apresentava utilização uniforme, era necessário entender os seus tempos para compreender como seus espaços eram apropriados pelos sujeitos. Na tentativa de perceber as regularidades dos usos do espaço e da sua vida social relacionados aos diversos tempos variei os horários da observação. Inicialmente, estive no local nos horários tidos como úteis, ou seja, do trabalho ou da escola. Em seguida, comecei a freqüentá-la nos finais de tarde e começo da noite. Posteriormente, nos finais de semana, durante o dia e até tarde da noite, quando previa encontrar especialmente os jovens. O objetivo era traçar uma panorâmica geral de usos relacionados aos diversos atores para, posteriormente, focar nas culturas do lazer infantil.



Figura 9: Crianças a noite na praça, deitam no piso e se aconchegam.

A observação indicou que os moradores assumem postura de guardiões do espaço público sem privatizá-lo, ou seja, cuidam da Praça. O cotidiano de seus usuários é a extensão de suas casas, uns mais, outros menos, dependendo de fatores tais como a existência de crianças na família ou a proximidade com o local.

A participação adulta nas brincadeiras é restrita. No entanto, as crianças pequenas estão quase sempre acompanhadas por alguém mais velho da família. As crianças que moram um pouco mais longe, muitas vezes, brincam sem a interferência dos familiares, no entanto não deixam de receber os cuidados dos vizinhos, como fica claro quando observamos o fornecimento de água potável para as crianças.

Os homens adultos, de forma geral, não utilizam a Praça para atividades de lazer próprias desse grupo, nem mesmo para bate-papos informais. A figura paterna aparece mais como símbolo de autoridade do que como companheiro nas atividades do lazer. Consideram a Praça um espaço de lazer próprio da infância e nos finais de semana alguns vêm de longe para acompanhar os filhos. Muitas das mulheres não trabalham fora de casa, portanto, elas estão mais presentes na Praça. De maneira geral, consideram boas as relações entre vizinhos, ajudam uns aos outros, dizem que existem conflitos, mas são amigos.

Os processos de construção e apropriação da Praça poderiam ter excluído a juventude. O projeto previa a retirada do futebol dali, principal atividade do lazer masculino jovem e não criou outro espaço para tal. O caso da Praça Jerimum é um exemplo de política pública que, ao privilegiar alguns grupos, exclui outros. A definição dos usos dos espaços é muitas vezes resultado do conflito geracional relacionado à sua apropriação. No entanto, as oportunidades de lazer para as crianças tanto quanto para a juventude esbarram nos limites espaciais que os diversos interesses definem numa metrópole como Belo Horizonte. A falta de espaços de lazer, especialmente públicos, acessíveis às camadas populares, é uma reivindicação constante proveniente desses grupos.

- **Crianças na Praça**

As análises sobre as práticas lúdicas infantis na Praça Jerimum foram classificadas segundo as diferenças geracionais (pequenas e maiores) e de gênero. Foram analisadas as interações das crianças com os brinquedos presentes no espaço e as relações entre corpo e brincadeira.

Compreendo a infância, como historicamente relacionada ao brincar e entendo a brincadeira infantil como uma forma de apropriação do espaço e de seus equipamentos. Com o objetivo de compreender como ocorre tal processo e se a partir da apropriação a Praça se torna o lugar da infância, observei e analisei as atividades que as crianças escolheram, em especial no tempo livre, nas relações entre pares. Os jogos, brinquedos e brincadeiras foram considerados neste estudo expressões da cultura infantil.

Os dados coletados apontam para uma grande diversidade de brincadeiras, desde brincadeiras de faz-de-conta, esportivas ou que “desafiam o corpo” (NUNES, 2000), jogos e brincadeiras tradicionais, relacionadas à música e algumas que se posicionam no limite entre brincadeira e trabalho, chamada por Nunes (2000) de “brincar de fazer coisas de verdade”.

A intervenção mais direta nas atividades infantis tem origem especialmente na família e na escola especialmente se analisarmos que tais instituições limitam o tempo disponível para a brincadeira. Além deste controle, a escola está presente no local uma vez que tal universo altera diretamente as práticas, os jogos, as brincadeiras e os desenhos infantis. No entanto, acontece um processo de apropriação, de recriação desses elementos culturais. Esse processo de apropriação criativa do mundo adulto é o que Corsaro (2002) chama de ‘reprodução interpretativa’ que permite que a criança participe ativamente daquele mundo e ao mesmo tempo afirme sua alteridade, através da produção da cultura de pares. Como exemplo, poderia citar a canção “tim-tim castelo” cantada por duas meninas, ambas de 9 anos, recebe, além da versão tradicional, uma versão escatológica.

A partir de uma classificação etária, é possível distinguir dois grupos de crianças: as pequenas, de 2 a 6 anos, e as maiores, de 7 a 12 anos. As pequenas apresentavam menos autonomia, identificadas especialmente com o espaço da casa, não com o público.



Figura 10: Foto de menino, 5 anos, ao dar uma cambalhota no piso central da Praça.

As relações com as maiores se estabelecem de maneira hierárquica e os usos do espaço e de seus equipamentos eram definidos e controlados por elas. Os tempos em que usam a Praça eram diferentes dos tempos das crianças maiores. Nos desenhos, podemos encontrar expressões particulares das crianças pequenas. Nessa atividade, as crianças disputam o espaço de igual para igual com as maiores, que reservam no desenho um espaço próprio para as pequenas. Dentre os diversos desenhos resultantes de atividades realizadas pelas crianças e entendendo tal produção como forma de comunicação entre as crianças e a pesquisa, o espaço, privilegio na pesquisa os desenhos que dialogam com tal temática, visto que tais análises podem nos dizer sobre a apropriação do espaço pelas crianças.



Figura 11: Desenho realizado por Inês, 3 anos.

Neste desenho, a menina escolhe desenhar os que brincam e estão ao redor da mesa, tal como a autora. Dessa maneira, descreve a cena que ocorre naquele momento, um instante. Inês, 3 anos é irmã de Gilberto, 7 anos, que estava presente na atividade. A menina só foi observada na Praça na companhia do irmão. Não moram na Praça, mas a utilizam nos finais de semana, quando vão visitar os avós, Sílvia e Paulo. Poderia dizer que dialoga com a pesquisa, ao desenhar a ação, escrever letras e números utilizando a mesinha da Praça como suporte, e o faz reiteradamente, característica de sua geração. O movimento repetitivo faz parte de sua ação, que se aproxima de uma experiência lúdica em que treina e apura seus movimentos corporais.

Para as maiores, brincar possui outro significado. O local foi apropriado para o lazer principalmente por estes grupos e seus usos são determinados pela liberdade de escolha. A Praça é cenário para a troca de conhecimentos e compartilhamento de experiências entre crianças, com mais velhos e mais novos. No entanto, a luta pela dominação e pelo poder está presente no local, tal como nas diversas instâncias em que as crianças estão inseridas. A hierarquia geracional e a hegemonia adulta ficam claras.



Figura 12: Criança nos galhos da castanheira, apesar da colocação de arame farpado na tentativa de coibir este uso.

Um caso observado exemplifica o conflito adulto-criança que ocorre no espaço. Um morador enrolou arame farpado no tronco da árvore para que as crianças não subissem, pois, considera que esse uso infantil a prejudicava. Mesmo assim, as crianças conseguem subir ali, e a árvore segue se desenvolvendo. Para algumas crianças, é o melhor brinquedo do local.

- **Os brinquedos e o lugar**

Foi possível observar que a presença de brinquedos na Praça interfere nas atividades dos usuários ao mediar a ação dos mesmos. Tais brinquedos são provenientes de distintas origens, e é a partir daí que os classifico. Apareceram brinquedos industrializados, brinquedos construídos pelas crianças, objetos do cotidiano apropriados pelas crianças para as brincadeiras, além dos brinquedos do ambiente.

No dia 12 de outubro, feriado religioso e Dia da Criança, foram observados muitos brinquedos industrializados trazidos pelas crianças à Praça, confirmando o significado social do brinquedo como presente (BROUGÈRE, 1997), especialmente em datas comemorativas, tais como no Natal, no Dia das Crianças e nos aniversários. É importante lembrar que o Dia da Criança só se popularizou quando a indústria nacional de brinquedos passou a considerá-la uma oportunidade de incremento nas vendas. Considerando que a maioria das famílias moradoras da região é pobre, a maioria das crianças do local não recebe presentes.

As crianças, no entanto, não são somente consumidoras de brinquedos, mas também os produzem. Utilizam a imaginação e a capacidade lúdica para produzir novos significados para os objetos. A pipa é um exemplo “clássico” e bastante presente na Praça, nos desenhos e nas brincadeiras. As análises das apropriações dos equipamentos do ambiente indicaram usos previstos e imprevistos praticados pelas crianças. Os guarda-corpos metálicos das escadas viram barras para acrobacias; o telefone público vira brinquedo: discam para um 0800 e escutam uma gravação em japonês. Esses brinquedos indicam um elemento importante na produção cultural das crianças: seu caráter de recriação com recurso a materiais produzidos pelos adultos e ressignificados numa atividade com objetivos lúdicos.

No *brinquedão* sobem e descem, escorregam e escalam como funções visivelmente previstas e que estruturam o equipamento. Porém, a todo momento buscam novas maneiras de se movimentarem. O “passar no buraco” é um desafio para as menores. Sentam-se, deitam-se e conversam com jovens e adultos. A brincadeira de casinha só apareceu em ocasião em que chovia ou quando anoitecia.

Como usos não previstos para este equipamento, observei que as crianças o utilizam para fazer xixi e como gol no futebol. Além disso, o equipamento para as crianças maiores é suporte para acrobacias: pulam da parte mais alta até o chão, brincando com o perigo.



Figura 13: Foto em que aparece menino de 11 anos, pulando do *brinquedão*.

Tal uso, ao gerar quedas, põe em questão a qualidade do equipamento e torna o brinquedo assunto de polêmica local: para alguns adultos e jovens é perigoso (três crianças caíram). Sugerem abaixá-lo ou retirá-lo dali. Um morador conta que já o utilizou como abrigo noturno, pois dormiu ali quando estava bêbado.

O conflito me mobilizou no sentido de refletir se caberia nova intervenção física ali, momento em que a condição de planejador do espaço se mostrou conflitiva com a de pesquisador. Optei por tratar essa questão depois da realização da pesquisa, já que poderia interferir na relação que estabeleciam com o investigador. Duas irmãs, uma de 16 anos e uma de 9, posteriormente, disseram-me que as crianças haviam aprendido a pular do “brinquedão”, que todos haviam aprendido e que agora todos pulam. A mais velha foi a que mais questionou o equipamento durante a pesquisa.

- **Corpo e brincadeira**

Nas análises sobre o corpo e a brincadeira, as formas de brincar do grupo observado marcam as identidades de gênero, faixa etária e condição social, e a partir dessas atividades formam redes de sociabilidades distintas, tendo a brincadeira como elemento unificador. O corpo se apresenta como suporte da alteridade e da diferença, a partir do qual reproduzem os papéis sociais através da brincadeira.

A dança foi observada como uma atividade essencialmente feminina e nela ocorre a interação entre meninas de diversas faixas etárias. As meninas apropriavam-se do espaço para reproduzir elementos da cultura adulta brasileira contemporânea, imprimindo aos mesmos significados próprios. A influência das mídias é observada nas danças: as jovens se intercalam entre canções contendo letra de forte apelo sexual, característica do estilo denominado *funk* carioca e o pagode, estilo que alcançou um espaço importante nas culturas de massa ao “adaptar” o tradicional ritmo brasileiro – o samba. As meninas incorporam esses elementos da cultura de massa e utilizam os equipamentos da Praça como palco para suas apresentações.

Um grupo de meninos se apresentava com autonomia bastante definida e escolhia atividades que o identificavam na comunidade. A *porradinha*, o *jogo de damas* e o *pegar traseira no caminhão* eram algumas delas.



Figura 14: Meninos brincando de *porradinha*.

A *porradinha* é um jogo que simula uma luta corporal contendo elementos de força física, criatividade e regra. Realizada especialmente entre meninos, na sua maioria entre 10 e 12 ou 13 anos, e um jovem de 14 ou 15 que se opõe aos demais. Os menores do

que esses criavam grupos independentes, de iniciantes. Segundo um dos meninos, quando aparece algum menino novo na Praça, os outros o chamam inicialmente para briga, depois ficam amigos, constituindo um ritual de iniciação.

Quando estes meninos *pegam a traseira de caminhões*, a autonomia que experimentam é alargada para além do espaço da Praça e do bairro. No espaço da estação de metrô, onde circulam muitas pessoas, tornam-se anônimos e ocupam papéis sociais diversos da Praça, onde todos os reconhecem. Ali assumem o papel de crianças pedintes, embora nos diálogos sejam reticentes em reconhecer essas atividades. Fica a questão sobre o significado de “pedir” para essas crianças. Podemos interpretá-la como teatralização de seu lugar social de sujeito pertencente a camadas excluídas do acesso a bens de consumo.

Ao participarem das brincadeiras, tais como *pedir*, *a porradinha*, o pular do *brinquedão*, o *funk carioca* e as versões escatológicas de canções infantis, as crianças parecem transgredir ou transcender à ordem adulta. O fazem atribuindo um caráter próprio às atividades, tornando-as parte da cultura da infância daquele contexto.

Corpo, brincadeira e desenho se confundem na Praça, onde as crianças expressam seus sentimentos e, por meio dos desenhos, marcam presença nas relações. Desenham a si próprios, os amigos e o ambiente onde vivem. O ambiente torna-se cenário e objeto da expressão. Retiram dele seus elementos para o desenho, assim como emprestam seus corpos para a impressão dos significados. Assinam autoria no lugar, fixam território, constroem suas identidades relacionadas ao grupo que o frequenta e o constrói de maneira coletiva. A Praça Jerimum é das crianças.



Figura 15: Brincadeira de desenhar o corpo da amiga no asfalto com pedaços de tijolos de cerâmica.

A seqüência de fotos a seguir revela a brincadeira de desenhar o corpo da amiga no asfalto com pedaços de tijolos de cerâmica. Uma depois a outra, enquanto o menor assiste com curiosidade. Marcam a Praça, se marcam e se identificam com o lugar.

Considerações Finais

- Nos estudos contemporâneos sobre a infância, o brinquedo tem sido objeto privilegiado de análise. Tendo em vista o meu lugar de arquiteto e criador de brinquedos, busquei contribuir para a compreensão de como a atividade da brincadeira infantil se exerce num lugar concreto.
- Nas sociedades contemporâneas, principalmente nas metrópoles brasileiras, em que os espaços são privatizados e definidos pelo pertencimento social de seus usuários, a criança torna-se uma das principais vítimas da segregação através do espaço. É fundamental a formulação de políticas públicas para a criação de espaços públicos de lazer voltados para a infância. Espaços que ocupem o lugar da rua: tradicionalmente o lugar de produção e transmissão da cultura infantil.

Referências Bibliográficas

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas-São Paulo: Papyrus, 1994.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Assistência Social. *Revista Criança Pequena*. Belo Horizonte, 2002.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Coordenação da Política Social. *Pensar BH: política social*. Edição Especial. Belo Horizonte, out./dez. 2003.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus, 1984.

BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente. Lei n. 8.069, de 1990.

BRASIL. Lei de diretrizes e bases da educação, 1996.

BRASIL. Lei orgânica da assistência social. Lei n. 008.742 de 1993.

BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e cultura*. São Paulo: Cortez, 1997.

CORSARO, William A. A reprodução interpretativa no brincar ao “faz-de-conta” das crianças. *Educação, Sociedade & Culturas*, Porto, n. 17. p. 113-134. 2002.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. 5. ed. São Paulo. Perspectiva, 2004.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MONTANDON, Cléopâtre. *Sociologia da infância: balanço dos trabalhos em língua inglesa*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 112, p. 33-60. mar./2001.

NUNES, Ângela. *No tempo e no espaço: brincadeiras das crianças A'uwê-Xavante*. In: MACEDO, Ana Vera Lopes da Silva; NUNES, Ângela; SILVA, Aracy Lopes da Silva (Org.). *Crianças indígenas: ensaios antropológicos*. São Paulo: FAPESP, 2000.

PINTO, Manuel. *A infância como construção social*. In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto (Coord.). *As crianças: contextos e identidades*. Minho: Universidade do Minho, 1997.

SARMENTO, Manuel Jacinto. *As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade*. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (Coord.). *Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*. Porto: Asa, 2004.

SARMENTO, Manuel Jacinto. *Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância*. Educação e Sociedade: revista de ciência da educação. Campinas, v. 26, n. 91, maio/ago. 2005.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. *Viver na metrópole: o espaço da criança*. Texto apresentado em mesa redonda no IX Simpósio de Geografia Urbana em Manaus no ano de 2005. Não publicado.

SENNET, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

VIANNA JÚNIOR, Hermano Paes. *O baile funk carioca: festas e estilos de vida metropolitanos*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1987.

VIÑAO FRAGO, Antonio. *Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões*. In: ESCOLANO, Agustín; VIÑAO FRAGO, Antonio. *Currículo e subjetividade: a arquitetura como programa*. 2. ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2001.